

22/11/2018 às 05h00

Desmate na Amazônia é nocivo à agropecuária, indica estudo

Por Daniela Chiaretti | De São Paulo



A Amazônia brasileira tem 62 milhões de hectares de áreas públicas ainda sem destinação e ameaçadas de desmatamento e grilagem. As florestas dessas regiões contribuem todos os anos com mais de US\$ 420 milhões para a produção agropecuária, apenas considerando o serviço que prestam na regulação das chuvas. Isso equivale a 35%

do total da rentabilidade líquida da soja em Mato Grosso.

"A perda do agronegócio em Mato Grosso se as áreas não designadas fossem desmatadas seria de quase meio bilhão de dólares ao ano", diz o professor Britaldo Soares-Filho, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que coordenou um estudo abrangente sobre precificação dos serviços ambientais da Amazônia, em parceria com o economista Jon Strand, do Banco Mundial.

O estudo mapeou o valor de serviços ecossistêmicos da floresta na produção de alimentos (castanha do Brasil), no fornecimento de matérias-primas (borracha e madeira), na mitigação de gases-estufa (absorção e estoque de carbono) e na regulação do clima (avaliando as perdas para soja, pecuária e geração de hidroeletricidade se o volume de chuvas diminuir).

Calculou, inclusive, as perdas na produção de madeira deteriorada pela degradação causada pelos incêndios.

O trabalho durou três anos e é assinado por um grupo de 13 pesquisadores de várias universidades. Um artigo publicado há poucos dias na "Nature Sustainability" calcula parte do valor monetário da floresta em pé.

A lógica do estudo procura dar valor ao custo de destruir uma unidade de floresta ou dar valor ao benefício de preservá-la.

O artigo mostra que o desmatamento de um hectare em algumas regiões gera perdas de até US\$ 40 ao ano na produção de castanha do Brasil e de US\$ 200 no caso de madeira sustentável. A soma dos serviços ambientais pode chegar, em algumas áreas, a US\$ 737 por hectare por ano - um valor muito superior ao que é gerado pela pecuária de baixa produtividade, diz a nota à imprensa.

Somando o valor dos serviços ambientais, os pesquisadores calcularam que a floresta amazônica pode contribuir com a economia do Brasil em US\$ 8,2 bilhões anuais. Os 62 milhões de hectares de florestas em áreas ainda não designadas, e por isso com grande risco de serem desmatadas, geram um valor de US\$ 1,9 bilhão ao ano.

"Isso é uma questão de soberania nacional", registra o professor Soares-Filho. "Designar estas áreas significa protegê-las. Poderiam tornar-se florestas de produção, com uso sustentável e sem precisar derrubá-las", continua. "Quando se faz a designação destas áreas, assegura-se que elas se tornem um bem comum em vez de deixá-las para a especulação e a grilagem."

"O artigo mostra o papel importante das áreas privadas", diz Raoni Rajão, outro autor do trabalho e coordenador do laboratório de gestão de serviço ambiental da UFMG. Seu valor foi estimado em US\$ 3,3 bilhões de serviços ambientais ao ano.

No caso da soja, se o desmatamento da Amazônia atingisse áreas de uso sustentável, proteção integral, terras indígenas, áreas militares, privadas e sem destinação, o risco climático anual associado a florestas seria de US\$ 763 milhões ao ano. Para a pecuária, o valor alcança US\$ 1,4 bilhão.

"É importante ressaltar que este é um estudo conservador", diz Rajão. O valor do carbono ou da madeira, por exemplo, só foi considerado em áreas com elevado risco de desmatamento, próximas a vias de acesso.

O estudo quantifica apenas um pequeno espectro dos serviços ambientais, diz a nota. "Trabalhamos com valores que são mensuráveis. Há serviços ambientais da floresta amazônica que nem podemos imaginar, como aqueles relacionados ao patrimônio genético que ainda é desconhecido", lembra o professor Soares-Filho.

O trabalho identifica, ainda, os pontos mais ricos em biodiversidade na floresta, embora sem estimar seu valor. Mas reconhece que a floresta amazônica tem mais espécies únicas do que qualquer outra região geográfica de tamanho parecido na Terra.

A extração de produtos não madeireiros como a castanha do Brasil, a madeira ou a borracha contribuem para o modo de vida de 6 milhões de pessoas vivendo na Amazônia brasileira, de acordo com o estudo.

Globo Notícias

Compartilhar 0 Tweet Share G+ Assine o Valor 0